

Ermírio diz que financiadores da repressão querem fechamento

Arquivo — 25/10/80



Antonio Ermírio quer ficar longe dos Partidos

São Paulo — “Os mesmos empresários que financiaram a repressão política em 1968 e 1969 são os homens que querem fechar hoje o regime”, sentenciou o empresário Antonio Ermírio de Moraes, que se recusa a ingressar em quaisquer dos Partidos existentes, mesmo o PTB, a que pertenceu seu pai — O Senador José Ermírio de Moraes — por considerá-lo um Partido “dilacerado”.

Considerando-se um empresário liberal, contrário aos radicalismos, o Sr Antonio Ermírio acusa os que jogam num regime politicamente fechado, os mesmos que não se importam em aumentar os índices de produtividade, fundamentais para o desenvolvimento nacional. “Para essa gente seria mais fácil agir dentro de um regime fechado, pois toda a sua ação corrupta ficaria protegida”. O Sr Antonio Ermírio considera “um erro brutal” combater a abertura e defende a livre atuação da imprensa.

Perigo

O Sr Antonio Ermírio detesta os extremismos, por achá-los perigosos. — Procuvo evitar os pensamentos radicais, sou liberal por natureza. Todo sujeito radical tem uma deficiência mental e me cansa.

Ele considera que existem aspectos positivos na direita e na esquerda, ressaltando que o homem que raciocina, deve assimilar esses pontos das duas extremas.

— Não é medo de dizer se sou de esquerda ou de direita — frisa ele. Sou realmente contrário aos extremismos” — completou.

— Dentro do próprio fascismo existem boas coisas, mas como Poder autoritário centralizado, ele trouxe muita corrupção. O que parecia bom para a própria Itália, depois de 1930 foi um desastre. Prefiro não ser autoritário. Só entendo ser necessário exercer a autoridade com competência — diz o empresário, acrescentando que “a autoridade não se conquista simplesmente pelo fato de sentarmos numa cadeira. Autoridade e respeito se conquistam através do trabalho e do sacrifício.

Ação partidária

O Sr Antonio Ermírio garante que não ingressará em Partido político algum, justificando: “Amo muito a liberdade”. Ao se filiar a um Partido, teria de ser obediente aos seus estatutos. “É evidente que na hora em que eu ingressasse num Partido e comesse a me pronunciar a favor ou contra o que pregasse estaria arranjando problema para mim. Seria considerado um traidor, criaria inimizades, poderia vir até a ser expulso do Partido.”

Apesar do complexo industrial que dirige — Grupo Votorantim — o Sr Antonio Ermírio acha que, quando fala, fala com “independência de raciocínio e liberdade de pensamento”.

— Sempre que faço minhas observações me isento do que é bom para minhas empresas. Penso apenas em termos de Brasil e por isso não quero me ligar a Partidos políticos.

— O meu ideal — diz ele — seria ver o país inteiramente democrático e com um Congresso que representasse a elite pensante. Pela falta de exercício da democracia, a gente tem hoje um Congresso diferente. Não tem nada de elite pensante. Há alguns elementos notáveis, mas a maioria não merecia ter sido eleita, não merecia estar ali. Tenho a impressão de que, com o exercício da democracia, o povo vai voltar a se interessar e nós teremos uma seleção melhor, um Congresso que será realmente a elite pensante brasileira.

Entende que, hoje, “temos no Congresso um verdadeiro saco de gatos, resultado de Partidos sem filosofia. Muitos nem sabem por que estão lá. Apenas disputaram o voto de modo lamentável”.

Ele insistiu que faltam objetivos e verdadeiros estatutos para os Partidos, cujas metas são “só alcançar o voto do povo. Nenhum Partido tem uma linha definida e clara. O que vejo é muita confusão”.

O Sr Ermírio acha que com 32 anos de vida empresarial dificilmente seria um bom político se entrasse para algum Partido, pois as decisões nas empresas são mais rápidas. Mas assinalou:

— Democracia é isso mesmo. Prefiro democracia a voltarmos aos erros do passado com a centralização total do Poder.

O Sr Antonio Ermírio — que será convidado pela Sra Ivete Vargas para se filiar ao PTB — tem a impressão de que nos últimos 15 anos esse Partido “desapareceu do cenário nacional. Um Partido que teve Getúlio Vargas, Alberto Pasqualini, Fernando Ferrari, homens que tinham propostas e lideranças firmes, hoje tem pouca expressão e não creio que surjam líderes que possam reativá-lo nos próximos dois anos. Ele é praticamente uma sombra do passado. Me sinto mais útil do lado de cá”.

Considera o Sr Jânio Quadros, com sua renúncia em 1961, como principal responsável pela revolução de 1964, e entende que ele não conseguiu, até hoje, explicar-se à nação.

— Tenho procurado pensar sobre o retorno do Sr Jânio Quadros. Não o entendo. Acho que dificilmente vamos saber as razões da sua renúncia e chego a pensar que nem ele sabe. Chego a essa conclusão por tudo que li e por todas as suas declarações. Sua renúncia foi um desastre para a nação, pois o Sr João Goulart foi obrigado a assumir sem estar preparado. Depois veio a revolução e o fechamento do Congresso Nacional. A revolução começou bem, mas houve a centralização excessiva do poder e deu no que deu.

Reconhece, no entanto, que “há um esforço do Presidente João Figueiredo no sentido de que o país retorne à democracia plena”.

— Sinceramente, acho que a abertura não vai tão lentamente, como os políticos reclamam. Acho que houve até um processo grande. É só lembrar do pacote de abril e verificar que de lá para cá várias conquistas foram obtidas. Nos últimos dois anos consegui-

mos uma posição bem mais democrática. Se a abertura for feita em quatro ou cinco anos já é notável, porque não dá para fazê-la de um momento para outro. Vamos devagar, sedimentando-a.

O Sr Antônio Ermírio entende que um fechamento do regime “seria um desastre nacional. Se amanhã o Brasil, infelizmente, tivesse que fechar, não haveria mais solução para ele. Nós sentimos isso na pele. Se houvesse um golpe de direita ou de esquerda, seria uma tragédia. Existem forças trabalhando nesse sentido, muita gente, inclusive no meio empresarial. Estes querem o fechamento total ao invés do diálogo. Isso é um erro brutal. O fechamento só possibilita o crescimento do radicalismo”.

Mas o diretor-superintendente da Votorantim prevê que “a abertura será total” e assinala:

— Todos acabarão por perceber isso. Para saber o que está ocorrendo no país basta ler um jornal bem informado. Graças a Deus. Antes, a gente não sabia nada, apenas que fulano estava preso. E eu não quero nem pensar na volta disso.

Ao responder à pergunta sobre se os empresários financiaram a repressão ao final da década de 60, assim se manifestou:

— Já disse que se colocasse em votação hoje, no sistema secreto, e sem revelar nomes, a questão do fechamento político da nação, se encontrariam muitos votos favoráveis. Os mesmos homens que financiaram a repressão naquela ocasião são os que querem fechar hoje. Para o empresário que tem outras finalidades, que não a produção, é mais fácil agir em um país fechado porque toda a sua ação corrupta ficaria protegida. Isso é ruim. Naquela época sabia-se alguma coisa de participação de empresários financiando a repressão. Havia pressão do Governo. Sinceramente nunca participei disso, mas sabia que existiam alas ponderáveis que participavam. Eu não participei da revolução, não fui idealista dela e sempre fiquei longe do Governo. Se o procurei foi para a defesa dos interesses nacionais e de minhas empresas.

Defesa das urnas

Com 52 anos, pai de nove filhos, o Sr Antonio Ermírio de Moraes entra no escritório central da Votorantim às 6h30m, trabalha aos sábados até às 15h e à noite ainda dá expediente no Hospital da Beneficência Portuguesa, pois pertence ao quadro de sua diretoria.

Ele defende as eleições diretas, conclamando:

— Chega de tirar nomes do bolso do colete! Chega de dizer que este é o governador de São Paulo, aquele é do outro Estado. Chega disso. O povo brasileiro não aceita mais isso. Os nossos Governos, antes da revolução, foram bons. Em São Paulo fizeram bons Governos os Srs Jânio Quadros e Carvalho Pinto. Hoje, sente-se que o povo quer escolher os seus governantes.

Administrando o conglomerado Votorantim — o maior complexo industrial privado e nacional do país — com 58 empresas, 55 mil empregados e um lucro no exercício de 1980 de Cr\$ 6 bilhões, — 75% serão aplicados na ampliação das atividades — o Sr Antonio Ermírio de Moraes defendeu também o fim da Lei Falcão.

— Sou favorável à abertura dos meios de comunicação para publicidade eleitoral. A Lei Falcão é imoral. A televisão é uma arma poderosa, assim como o rádio, e deve ser utilizada para que o eleitor aperfeiçoe a sua capacidade de seleção de candidatos.